

Brasileiros em Londres

Um perfil socioeconômico

*Yara Evans**

A despeito da ausência de dados oficiais precisos, o número de brasileiros em Londres aumentou visivelmente nas duas últimas décadas. Dada a ausência de laços políticos entre o Brasil e o Reino Unido que justifiquem esse fluxo, como, por exemplo, o caso das ex-colônias do império britânico, o incremento da entrada e permanência de brasileiros no Reino Unido tem despertado grande interesse entre acadêmicos e pesquisadores sobre temas de imigração. Mesmo assim, há ainda relativamente poucos estudos sobre a comunidade brasileira em Londres. Visando preencher essa lacuna, este artigo apresenta e discute dados obtidos de uma amostragem de brasileiros que moram e trabalham em Londres.¹

O artigo inicia-se com uma breve discussão sobre o tamanho da comunidade brasileira em Londres, seguida de descrição da metodologia utilizada em pesquisa realizada recentemente para traçar um perfil socioeconômico de brasileiros em Londres. Em seguida, apresentam-se os dados obtidos de uma amostragem dessa comunidade, comparando-os, quando possível, aos dados de outros estudos realizados sobre brasileiros no exterior.

** Doutora pelo Institute of Geography and Earth Sciences, University of Wales Aberystwyth e vem atuando em pesquisas junto ao Department of Geography at Queen Mary, the University of London e no projeto de pesquisa Global Cities at Work: Migrant Labour in Low Paid Employment in London e integrante do Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido – GEB.*

O tamanho da comunidade brasileira em Londres

Há uma grande discrepância entre os dados oficiais sobre o tamanho da comunidade brasileira no Reino Unido e a realidade observada pelos representantes de uma gama de organizações brasileiras que atuam no país. Qualquer que seja o seu tamanho, não há dúvida de que a comunidade brasileira concentra-se, em sua maior parte, na capital londrina.

Contudo, enquanto o último censo britânico, conduzido em 2001, registrava cerca de 8 mil brasileiros residindo em Londres, estimativas extraoficiais indicavam que a população brasileira à época girava entre 15 mil a 50 mil indivíduos (CWERNER, 2001). Anos depois, representantes da Associação Brasileira no Reino Unido (ABRAS) estimavam que a população brasileira no país girasse em torno de 200 mil, com a grande maioria (130 mil a 160 mil) residindo em Londres. Segundo a mesma entidade, o bairro de sua sede, Brent, no noroeste da capital, abrigaria sozinho cerca de 30 mil brasileiros, compreendendo, provavelmente, a maior concentração geográfica de brasileiros e, conhecido por muitos, como 'o bairro brasileiro'. Outras concentrações importantes encontram-se no sul da capital, em Stockwell (onde Jean Charles de Menezes foi assassinado pela polícia), e no distrito central de Bayswater, há muito chamado de 'Brazilwater' pelos brasileiros, em referência à grande presença de brasileiros. Mais recentemente, o governo brasileiro publicou estimativas sobre o tamanho das comunidades brasileiras residentes no exterior, obtidas de seus consulados e embaixadas, que, por sua vez, se basearam em uma gama de fontes locais oficiais e extraoficiais. A estimativa para o Reino Unido gira entre 150 mil e 300 mil brasileiros (MRE, 2008).

Várias razões podem ser apontadas para explicar a discrepância entre dados oficiais e não oficiais sobre o tamanho da comunidade brasileira em Londres e no Reino Unido. Primeiramente, as autoridades britânicas de imigração não monitoram o movimento das pessoas em seu território após a passagem pelas fronteiras, assim como não registram sua saída exceto, naturalmente, em caso de deportações. Em segundo lugar, como é o caso para muitos estrangeiros, as autoridades de imigração geralmente impõem restrições ao tempo de permanência dos brasileiros no país, apesar de que, como se verá mais adiante, muitos brasileiros permaneçam além do prazo concedido no visto. Assim, dado que as saídas não são registradas, é praticamente impossível saber quantos brasileiros encontram-se no país em um dado momento. Ademais, os brasileiros que permanecem no país além do prazo concedido não veem sentido algum em se fazer conhecer pelas autoridades, e é extremamente improvável que participem do censo, apesar de sua obrigatoriedade. Deste modo, dados oficiais tendem sempre a subestimar a população brasileira residente no país.

Uma medida talvez mais acurada sobre o tamanho dessa população, e que aponta para seu crescimento significativo ao longo dos últimos quinze anos, é o próprio aumento no número de publicações gratuitas, em português, editadas

por brasileiros e que circulam pela comunidade. Há quinze anos, havia apenas uma revista; hoje, mais de dez publicações circulam regularmente, incluindo revistas produzidas em cor, e um jornal de edição semanal. Tal aumento, por sua vez, se deve, em parte, ao aumento no número de serviços e produtos, formais e informais, anunciados nesses meios, oferecidos por brasileiros e dirigidos essencialmente a uma clientela brasileira. Sua variedade é impressionante, e inclui desde serviços como estética corporal, limpeza doméstica e de escritórios, mudanças e traslados, e animação de festas, até serviços jurídicos, imobiliários, de aconselhamento, de remessas de dinheiro ao exterior, de tradução. Há ainda um número variado de lojas suprimindo uma grande gama de produtos brasileiros, incluindo roupas, bebidas e comidas, além de cafés, bares e restaurantes.

Essas publicações também são utilizadas pelas igrejas de várias religiões (católica, protestante, evangélica, cristã, espírita), para dar publicidade às atividades religiosas e sociais organizadas por brasileiros. Um exemplo é o caso da Capelania Brasileira, com sede no leste da capital, instituída pela Igreja Católica nos últimos anos. Padres brasileiros administram a Capelania e ministram missas (em português) para centenas de fiéis ao longo da semana. Também podemos citar organizações como a ABRAS, fundada por um grupo de voluntários para suprir uma série de serviços aos brasileiros, desde assessoria sobre questões jurídicas, financeiras e de imigração, quanto orientação sobre questões pessoais, incluindo acompanhamento psicológico. Assim, diferentes indicadores sugerem que a diáspora brasileira para Londres é de considerável tamanho.

Levantando dados sobre brasileiros em Londres

Os dados em que este artigo se baseia foram obtidos através de um levantamento por questionário efetuado em Londres. O questionário, contendo perguntas abertas e fechadas sobre aspectos demográficos, econômicos, bem como razões para a vinda a Londres, aspirações e perspectivas para o futuro, foi distribuído a brasileiros que frequentaram duas igrejas em Londres (católica e pentecostal) durante os meses de setembro e outubro de 2006.² Um total de 423 questionários foram respondidos.

Até onde se sabe, essa foi a primeira vez que se realizou um estudo para obter dados quantitativos sobre brasileiros em Londres. Considerando os métodos de obtenção da amostragem, e também seu limitado número, não se pode afirmar que os resultados são representativos da comunidade brasileira como um todo. Mesmo assim, acredita-se que os mesmos refletem a situação de muitos dos brasileiros que atualmente residem e trabalham em Londres.

Brasileiros em Londres: um perfil demográfico

Em termos da composição por gênero, a amostra obtida revelou uma proporção maior de homens (52%) do que mulheres (48%). Com relação à

idade, os resultados mostram que os brasileiros tendem a ser jovens. Assim, aproximadamente 82% dos pesquisados registraram idade entre 18 e 40 anos, com idade média de 35 anos. O levantamento revelou algumas diferenças importantes relativas à distribuição etária entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres predominaram na faixa de 18 a 30 anos (perfazendo uma diferença de treze pontos percentuais), os homens predominaram na faixa de 41 a 50 anos (representando uma diferença de oito pontos percentuais). Contudo, em termos de idade média, os resultados revelaram pouca diferença entre homens (34.4 anos) e as mulheres (32.7 anos).

Praticamente todos os brasileiros no levantamento londrino dividiam sua moradia. Mas, enquanto 41% desses viviam em lares não familiares, 42% moravam com seus cônjuges ou companheiros. Em termos de tipo de habitação, 31% dos pesquisados dividiam uma casa, e outros 31% dividiam um apartamento, sugerindo que, em ambos os casos, tinham seu próprio quarto. Mais de um terço (36%) declarou estar dividindo um quarto, com média de três pessoas por dormitório. A grande maioria dos pesquisados (82%) declarou não ter filhos no Reino Unido.

Estes resultados corroboram aqueles de Margolis (1998), que havia observado que 40% dos brasileiros em Nova Iorque residiam em lares constituídos por unidades não familiares, geralmente compartilhando sua habitação com amigos ou conhecidos brasileiros. Essa prática se dava tanto por questão de hábito (*para não ficar só*), quanto pela necessidade (*de dividir os gastos*).

Quanto ao grau de escolaridade, os resultados do estudo em Londres mostram que uma parcela importante dos pesquisados havia obtido um grau avançado de educação. Aproximadamente 54% dos pesquisados cursaram até o segundo grau, enquanto 36% ingressaram na faculdade, embora, destes, cerca de metade havia abandonado os estudos, deixando assim de concluir a graduação. Na divisão por gênero, mais homens (56%) haviam cursado até o segundo grau do que mulheres (51%), enquanto mais mulheres (37%) haviam ingressado na universidade do que homens (35%). Os pesquisados citaram mais de 30 disciplinas cursadas, incluindo Odontologia, Direito, Línguas, Filosofia, Biologia, Jornalismo, Administração de Empresas e Hoteleira. O curso mais mencionado, individualmente, foi o de Administração de Empresas (22 menções).

Tendo em vista que o grau de educação atingido no Brasil pode ser utilizado como um indicador importante de classe social (MARGOLIS, 1998; CWERNER, 2001; JORDAN and DUVELL, 2002), os resultados do levantamento em Londres mostram que os brasileiros pesquisados advêm predominantemente da classe média ou classe média baixa no Brasil. Esses resultados assemelham-se aos resultados obtidos por Margolis (1998) em seu estudo sobre os brasileiros em Nova Iorque, onde a maioria tinha cursado até o segundo grau, enquanto um terço havia obtido diploma universitário (MARGOLIS, 1998).

Objetivos da imigração para Londres

Os brasileiros que participaram do levantamento em Londres apontaram várias razões para sua vinda a Londres, como por exemplo, “garantir um futuro melhor no Brasil; para dar uma vida melhor a meus filhos; para levar uma vida digna; para conseguir aqui o que não pude conseguir no meu país”, ou “para tentar vida nova”. Contudo, muitos dos participantes apontaram mais de uma razão. Assim, a codificação das respostas revelou que por volta de 25% dos pesquisados tinham vindo a Londres para estudar e trabalhar. Outros 24% tinham vindo para trabalhar e poupar, para, subsequentemente, poder investir em algo no Brasil (propriedade, negócio, educação dos filhos). Quase 21% tinham vindo com a intenção de ficar em Londres para sempre ou para buscar uma vida melhor, e 16% tinham vindo com o objetivo explícito de estudar a língua inglesa. Cerca de 8% declararam outros objetivos e, ainda, 6% não responderam.

Novamente, estes resultados se assemelham muito aos resultados do estudo de Margolis (1998) em Nova Iorque. Cerca de dois terços dos brasileiros, em sua amostragem, haviam deixado o Brasil em busca de melhores oportunidades econômicas no exterior. Os principais fatores de emigração foram a instabilidade econômica, alta inflação e falta de oportunidades no mercado de trabalho aos profissionais e diplomados que caracterizaram boa parte das décadas de 1980 e 1990, enquanto a oferta de empregos com salários mais altos nos Estados Unidos atuaram como chamariz para os brasileiros em busca de oportunidades para poupar. Portanto, a incerteza quanto ao futuro econômico e a perspectiva de poder ganhar e poupar mais no exterior permitiram a muitos brasileiros adotar a postura do que Margolis (1998, p. 12) denominou *O que tenho a perder?* Já Cwerner (2001) observou que uma proporção significativa atribuiu à sua vinda a Londres razões de cunho não econômico, tais como *a vontade de ver o mundo*. Jordan e Duvell (2002), por sua vez, reportaram que os principais motivos para os brasileiros irem a Londres foram: ganho econômico; acesso a benefícios e serviços públicos; e aquisição de experiência.

Comumente, o principal objetivo para a emigração é a perspectiva de melhores ganhos e a possibilidade de fazer poupança que será gasta ou investida no Brasil, através de remessas destinadas a prover a família, liquidar dívidas, adquirir propriedade ou estabelecer negócio próprio (MARGOLIS, 1998). Aproximadamente um quarto dos brasileiros que participaram do levantamento em Londres afirmou vir ao Reino Unido com o objetivo único de trabalhar e, implicitamente, poupar – uma alta proporção desta poupança deverá ser remetida ao Brasil (DATTA et al., 2007a). Contudo, homens e mulheres apresentaram diferentes razões para vir ao Reino Unido. Assim, mais mulheres (29%) do que homens (22%) tinham vindo para trabalhar e estudar, ao passo que mais homens (33%) do que mulheres (16%) tinham vindo para trabalhar e poupar. Quase a mesma proporção de homens (22%) e mulheres (20%) declarou ter vindo ao Reino Unido em busca de uma vida melhor ou com o desejo de ficar para sempre.

Chegando e permanecendo em Londres

Nos últimos anos, as leis de imigração no Reino Unido vêm sendo mudadas no sentido de restringir cada vez mais a entrada e permanência no país de estrangeiros oriundos de países que não os da Comunidade Europeia, ou que não detenham passaporte europeu, ou que não sejam altamente qualificados (HOME OFFICE, 2006). Assim, as opções disponíveis aos brasileiros são limitadas. Jordan and Duvell (2002), por exemplo, demonstraram em seu estudo que a maior parte dos brasileiros recebera o visto de turista das autoridades de imigração no momento da passagem pela fronteira. Esse visto normalmente é concedido para um máximo de seis meses e proíbe o turista de obter emprego. Aos que hoje pretendem prolongar sua estada e que, como ressaltou Cwerner (2001), não veem a si próprios como simples turistas, resta como alternativa deixar o visto vencer e permanecer no país em situação irregular. Tanto Margolis (1998), quanto Cwerner (2001) verificaram ser essa uma estratégia bastante utilizada por brasileiros, em Londres e em Nova Iorque. Contudo, à época do levantamento feito em Londres em 2006, outra opção era obter um visto de estudante pouco antes do vencimento do visto de turista, o que podia ser feito no próprio Reino Unido, enquanto hoje, o visto de estudante só é expedido no país de origem do requisitante.

A obtenção do visto de estudante requer que o candidato se matricule em um curso reconhecido no Reino Unido, como um curso de língua inglesa, e exige presença na sala de aula de pelo menos 15 horas semanais. Estudantes nessas condições têm autorização para trabalhar até 20 horas semanais durante o período de aulas, podendo, contudo, trabalhar período integral durante as férias escolares. O visto é normalmente concedido pelo mesmo tempo de duração do curso, e é possível obter sua renovação. Segundo Jordan and Duvell (2002), essa estratégia também era comumente utilizada por brasileiros para permanecer no Reino Unido. Porém, como a renovação do visto de estudante implicava em despesas adicionais (taxas de visto e matrícula), além de restringir o tempo disponível para o trabalho, o costume era renovar o visto de estudante uma vez, no máximo duas. Ao deixarem vencer o visto, esses brasileiros tornam-se imigrantes irregulares. Outra possibilidade aberta aos brasileiros para entrar no Reino Unido é obter um passaporte europeu em virtude da ascendência europeia (comumente portugueses, espanhóis e italianos). Nesse caso, estão isentos de restrições quanto ao movimento, trabalho e residência em países da Comunidade Europeia.

Os resultados do levantamento em Londres ilustram bem as limitadas opções de admissão e permanência no país que estão disponíveis aos brasileiros. Aproximadamente 16% detinham visto de estudante, 11% possuíam passaporte europeu e 10% eram turistas. Outros 7% declararam ser residentes, categoria de visto obtido em virtude do tempo de estada no país, ou por ser cônjuge de pessoa detentora de passaporte britânico, ou ainda por possuir autorização para residir no país. Os que declararam ter permissão para trabalho foram 3%, sendo este

visto disponível apenas para trabalhadores altamente qualificados. Os restantes 53% declararam estar no país com o visto vencido, resultado semelhante ao obtido por Margolis (1998) em Nova Iorque.

Estes resultados revelam certa tendência entre brasileiros de permanecer no exterior além do prazo estipulado no visto. E embora muitos considerem sua permanência no exterior apenas como temporária, muitos podem acabar ficando (MARGOLIS, 1998; CWERNER, 2001). No caso do levantamento de Londres, boa parte dos brasileiros havia chegado ao Reino Unido recentemente. A grande maioria (69%) havia chegado nos últimos cinco anos, permanecendo quase três anos, com diferença mínima na permanência de homens (2.7 anos) e mulheres (2.9 anos). Portanto, estes dados indicam que os brasileiros consideram sua estada no Reino Unido como temporária, como um período para atingir seus objetivos de poupar, aprender a língua e adquirir experiência de trabalho para, finalmente, regressar ao Brasil.

Trabalhando em Londres

Assim como outros grupos de imigrantes, os brasileiros no exterior em geral obtêm trabalhos que pouco tem a ver com o que faziam no Brasil. Muitos dos que alcançaram educação de nível superior na terra natal obtêm apenas trabalhos de baixa qualificação ou que não exigem qualificação alguma (MARGOLIS, 1998; CWERNER, 2001; JORDAN and DUVELL, 2002; DATTA et al., 2007a,b). Isso decorre, em grande parte, das restrições impostas pelo visto, mas também pela falta de conhecimento da língua do país.

Do mesmo modo, o levantamento em Londres mostrou que os brasileiros obtinham trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação, embora dois tipos de trabalho predominem. Dos pesquisados, 33% trabalhavam na limpeza (de escritórios e de residências), ao passo que 25% trabalhavam em hotéis, bares e restaurantes. Outros trabalhos mencionados foram os de motorista de entrega (10%) e construção (9%). Uma minoria (13%) trabalhava em estética pessoal, vendas, escritório, havendo também costureiras, instrutor de natação, operária de fábrica e dono de negócio. A absoluta maioria dos brasileiros em Londres também declarou só ter um trabalho, resultado que contrasta com a experiência dos brasileiros em Nova Iorque, onde 25% dos brasileiros pesquisados tinham dois empregos (MARGOLIS, 1998).

Embora o denominador comum de tais atividades seja o baixo nível de qualificação exigido, a divisão sexual do trabalho pode mostrar-se bastante diferenciada. Em Nova Iorque, por exemplo, Margolis (1998) deparou-se com uma divisão sexual bem marcada: quatro de cada cinco mulheres trabalhavam em serviços domésticos (empregadas, faxineiras, e babás), enquanto que a maioria dos homens trabalhava em restaurantes e na construção (30%). Em Londres, a situação mostrou-se bastante parecida: só homens trabalhavam na construção e como motoristas/entregadores, enquanto só mulheres trabalhavam como babás.

E também, mais homens do que mulheres trabalhavam em hotéis, bares e restaurantes, enquanto as mulheres predominavam em tarefas de limpeza. Contudo, mais mulheres do que homens declararam estar sem trabalho.

Os níveis salariais, por sua vez, variam de acordo com o tipo de trabalho e sua respectiva jornada, embora a lei estipule a obrigatoriedade do pagamento do salário mínimo, calculado como salário-hora. Na amostragem dos brasileiros em Londres, 63% trabalhavam período integral (35 horas ou mais) e, desses, 42% trabalhavam mais de 48 horas semanais. Outros 24% trabalhavam entre 16 e 35 horas semanais. A média de horas semanais trabalhadas para a amostra toda foi de 42 horas.

Os dados mostraram também diferenças importantes entre homens e mulheres relativas à jornada de trabalho. Assim, mais homens (42%) do que mulheres (17%) trabalhavam acima de 48 horas semanais, ao passo que mais mulheres (41%) trabalhavam entre 16 e 35 horas por semana do que homens (15%). Houve pouca diferença relativa às proporções de homens e mulheres que trabalhavam menos de 16 horas semanais, assim como homens e mulheres que trabalhavam entre 35 e 48 horas semanais. Porém, houve uma diferença estatisticamente significativa entre a média de horas trabalhadas por homens (46 horas) e a média das horas trabalhadas por mulheres (37 horas).

O salário mínimo³ (SM) e o *salário digno*⁴ (SD) foram utilizados para categorizar os salários recebidos pelos brasileiros na amostragem londrina. Os resultados mostram que a maior proporção, cerca de 38%, recebia salários acima do SM e abaixo do SD, ao passo que 11% recebiam o SM. Ou seja, mais da metade da amostra recebia salários acima do SM. O salário mediano encontrado para a amostra toda também se situou entre o SM e o SD, correspondendo a £6.49 por hora. Os que recebiam salários abaixo do SM representavam 17% e, desses, a maioria não tinha autorização para trabalhar (visto vencido). Do mesmo modo, cerca de um quinto dos que não estavam autorizados a trabalhar (visto vencido) recebia salários abaixo do salário mínimo. Assim, a falta de autorização para trabalhar não implicava, necessariamente, em receber salário abaixo do salário mínimo; tal resultado muito se assemelha à situação que Margolis (1998) descreveu para os brasileiros nos Estados Unidos.

O levantamento em Londres revelou diferenças importantes com relação ao nível salarial recebido por homens e por mulheres. Assim, os homens, mais do que as mulheres, recebiam salários entre o SM e o SD (uma diferença de quase dez pontos percentuais). Em contraste, mulheres, mais do que os homens, recebiam o SD ou acima dele (uma diferença de cinco pontos percentuais). Igualmente, a média dos salários recebidos pelas mulheres mostrou-se mais alta do que a média salarial recebida pelos homens, com homens recebendo em média £6.42 por hora, e as mulheres, £6.58 por hora.

De passagem ou para ficar?

Como foi visto anteriormente, razões econômicas trouxeram muitos dos brasileiros a Londres; mais da metade da amostra havia declarado ter vindo à capital londrina para trabalhar e poupar. Dois terços dos pesquisados havia chegado nos últimos cinco anos, sugerindo que a expectativa é de permanecer alguns anos para poderem atingir seus objetivos, muito embora isso implique em infringir as leis de imigração e viver sob a constante ameaça de deportação.

Segundo Margolis (1998), muitos brasileiros nos Estados Unidos estavam divididos entre ficar para sempre ou voltar ao Brasil. A maioria, geralmente, considerava sua estada como temporária, de modo que a subsequente decisão de permanecer representava uma clara mudança de plano. Muitos se apegavam ao *mito da volta*, ao mesmo tempo em que deixavam vencer os prazos para retorno que impunham a si mesmos. Decorridos um ano e meio desde a pesquisa, cerca de três quartos dos brasileiros ainda se encontravam nos Estados Unidos. Por sua vez, Cwerner (2001) lembra que um aspecto importante da imigração brasileira em Londres era o constante alargamento dos horizontes temporais. Do mesmo modo, os brasileiros que Jordan and Duvell (2002) pesquisaram tendiam a permanecer além do período planejado.

Grosso modo, o mesmo se aplica aos brasileiros pesquisados em 2006, quando 38% planejavam permanecer no país entre um e cinco anos, indicando que consideram sua estada apenas temporária. Porém, 11% esperavam permanecer por mais de cinco anos, ao passo que outros 11% tinham a intenção de *ficar para sempre*, e 29% sequer apresentavam uma previsão de quanto mais permaneceriam no país; destes, alguns indicaram pretender ficar *pelo maior tempo possível, o quanto Deus quiser, e enquanto der*. Com relação à expectativa de permanência segundo o gênero, tanto homens quanto mulheres tinham a intenção de permanecer por longo prazo ou em definitivo. Porém, mais homens do que mulheres pretendiam ficar por um prazo médio (uma diferença de dez pontos percentuais). Já as mulheres, mais do que os homens, mostravam-se indecisas. Esses resultados diferem um pouco dos obtidos por Margolis (1998): em Nova Iorque, praticamente metade dos homens e metade das mulheres demonstravam a intenção de voltar ao Brasil, enquanto mais homens do que mulheres planejavam permanecer em definitivo.

Considerações finais

O levantamento de dados a respeito de imigrantes brasileiros em Londres demonstrou que a maior parte dos que haviam deixado o Brasil rumo à capital londrina havia cursado até o segundo grau ou universidade, pertencendo originariamente à classe média ou média baixa. Sua principal motivação era a procura de melhores oportunidades econômicas do que as existentes no seu país de origem. Após chegarem a Londres, a maior parte obtém trabalho em serviços

de baixa qualificação e que em nada se assemelham aos trabalhos que faziam no Brasil, mas que ainda assim lhes propiciam melhores salários e, portanto, a possibilidade de poupar. Inicialmente, muitos vislumbram sua estada como apenas temporária, planejando permanecer somente o tempo necessário para poupar e poder voltar ao Brasil capitalizados. Outros planejam permanecer por um prazo médio ou ainda em definitivo. Em ambos os casos, os vistos que conseguem acessar ao ingressar no Reino Unido impõem limites à sua estada. Mas muitos, ao tentarem atingir seus objetivos, tornam-se imigrantes irregulares.

Notas

1 - Este artigo baseia-se em dados de pesquisa conduzida por equipe de pesquisadores sediados no Departamento de Geografia, Queen Mary, University of London, Mile End Road, London E1 4NS, Reino Unido. A pesquisa foi realizada em apoio à campanha *De Estrangeiros a Cidadãos* da London Citizens, e seu relatório original, produzido em inglês e em português, encontra-se disponível eletronicamente (<http://www.geog.qmul.ac.uk/globalcities/reports/docs/brasileiros.pdf>).

2 - Conforme observado anteriormente, a pesquisa foi realizada dentro do âmbito da campanha *'De Estrangeiros a Cidadãos'*, que vem sendo dirigida pela *London Citizens*, uma organização sediada em Londres que congrega escolas e universidades, organizações e grupos comunitários, igrejas e sindicatos empenhados em lutar pela justiça social. A campanha reivindica do governo britânico a regularização para cerca de meio milhão de imigrantes que se encontram no país em situação imigratória irregular. Os principais argumentos em favor dessa medida são a restituição de direitos de cidadãos, o aumento da receita do governo britânico via cobrança de impostos, e facilitar a vigência do salário mínimo (consulte www.londoncitizens.org.uk para maiores informações sobre a campanha).

3 - O salário mínimo britânico (National Minimum Wage) é estipulado como salário-hora e é vigente por um ano (de outubro a outubro); à época do levantamento, este era de £5.05 por hora.

4 - O *salário digno* (Living Wage) é o salário necessário para manter uma família de quatro membros (um casal e dois filhos) com um padrão de vida minimamente decente. O *salário digno* é estipulado anualmente pelo Gabinete do Prefeito de Londres (Office of the Mayor of London). À época do levantamento, o *salário digno* era de £7.05 por hora (maiores informações no site: www.livingwage.org.uk/campaign.html).

Referências

- BRASILIA (Ministério das relações exteriores). *Brasileiros no mundo* – estimativas 2008, de setembro de 2009. Subsecretaria Geral das comunidades brasileiras no exterior. 2ª ed., set. 2009. Disponível em: http://www.brasileirosnomundo.mre.gov.br/pt-br/estimativas_populacionais_das_comunidades.xml.
- CWERNER, S. The Times of Migration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. V. 27, nº 1, 2001, p. 7-36.
- DATTA, K. et al. From Coping Strategies to Tactics: London's low-pay economy and migrant labour. *British Journal of Industrial Relations*, 45(2), 2007a, p. 404-432.
- DATTA, K. et al. The New Development Finance or Exploiting Migrant Labour? Remittance

sending among low-paid migrant workers in London. *International Development Planning Review*, 29(1), 2007b, p. 43-67.

HOME OFFICE. *A Points-Based System: making migration work for Britain*. London: Home Office, 2006.

JORDAN, B e DUVELL, F. *Irregular Migration: the dilemmas of transnational mobility*. Cheltenham: Edward Elgar, 2001.

MARGOLIS, M. *An Invisible Minority: Brazilians in New York City*. Massachusetts: Ally and Bacon, 1998.

RESUMO

Embora a comunidade brasileira em Londres seja de considerável tamanho, pouco se sabe ainda sobre os brasileiros que moram e trabalham na capital londrina. Este artigo relata os resultados de pesquisa realizada em 2006 em Londres, com o intuito de delinear um perfil socioeconômico. Esse estudo inédito obteve dados sobre 423 brasileiros. Os resultados revelaram que os brasileiros pesquisados tendem a ser jovens que chegaram a Londres nos últimos anos em busca de melhores oportunidades econômicas. Dadas as restrições impostas pelo regime de imigração britânico, muitos se tornam imigrantes irregulares ao tentar atingir seus objetivos de trabalhar para poupar e voltar para casa capitalizados. Muitos completaram o segundo grau ou faculdade, sendo oriundos da classe média ou média baixa no Brasil, e a maioria obteve trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação, recebendo o salário mínimo ou salário mais alto.

Palavras-chave: imigrantes brasileiros; imigração irregular; Londres.

ABSTRACT

Although Brazilian community in London is thought to be of considerable size, little is yet known about Brazilians who live and work in London. This article reports on the results of a research conducted on Brazilian Londoners in 2006 with a view to sketching a socio-economic profile. The study was the first of its kind, providing data about 423 Brazilians. The results reveal that Brazilians researched tend to be young, recently arrived, with men and women moving to London in search of better economic opportunities. Given the restrictions imposed by immigration rules, many will become irregular immigrants in order to pursue their aims of earning and saving to be able to return home capitalized. Most are relatively well-educated, with a middle-class or lower-middle class background in Brazil and the majority work in low-skilled or unskilled jobs in London, earning either the minimum wage or above it.

Keywords: Brazilian immigrants; irregular immigration; London.

